



multimédia
VALENTIM DE CARVALHO

Apresenta

AMÁLIA, O FILME

**Uma Produção Valentim de Carvalho Filmes (empresa
financiada pelo FICA), com co-produção da RTP**

Um filme de Carlos Coelho da Silva

Data de Lançamento: 4 Dezembro, 2008

Duração: 127 minutos

Site Oficial: www.amaliathemovie.com

Contacto da Distribuidora:

Valentim de Carvalho Multimédia

Pedro Almeida

palmeida@valentim.pt

(+351) 21 440 10 00

(+351) 91 966 54 49

Gabinete de Imprensa:

PURE activism

Sofia Aureliano

Sofia.aureliano@pure.ativism.pt

(+351) 21 414 95 68

(+351) 91 802 81 08

ELENCO

Amália	Sandra Barata Belo
Amália (Mais velha)	
Celeste	Carla Chambel
César Seabra	Ricardo Carriço
Eduardo Ricciardi	Ricardo Pereira
Mãe Amália	Ana Padrão
Ricardo Espírito Santo	António Pedro Cerdeira
Filipina	Susana Mendes
Casimira	Maria Emília Correia
Rui Valentim de Carvalho	Mário Redondo
Amália (Criança)	Ana Contente
Francisco Cruz	José Fidalgo
Pai Amália	Eurico Lopes
Avô António	António Montez
Detinha (18 Anos)	Leonor Seixas
Aninhas	Beatriz Costa
Sr. Alfredo	Pedro Pinheiro
Mulher Espírito Santo	Sofia Grillo
D. Teresa	Susana Cacela
Alberto Janes	Janita Salomé
Alain Oulman	André Maia
Jorge Soriano	José Boavida
Viscondessa da Asseca	Carla Salgueiro
Bruno Coquatrix	Philippe Leroux
Ercília Costa	Luisa Rocha
Yoshabel	Mariana Monteiro
Natália Correia	Carla de Sá
Avó de Amália	Amélia Videira
Pide 2	António Melo
Agostinho Barbieri	Jorge Sequerra
Salazar	Ruy Siqueira
Detinha (13 Anos)	Matilde Silva
Médico	Carlos Sebastião
Martins	Luis Mascarenhas
Rei Humberto	Carlos Pimenta
Jornalista	Matilde Guedes
Ary dos Santos	João Didelet
Mãe Ricciardi	Lourdes Norberto

Jornalista RTP	Miguel Monteiro
Sebastião Lima	Adriano Carvalho
Leonor	Natália Luiza
Frederico Valério	Carlos Vieira
Motorista Paris	Sylvain Peker
Homem Autógrafo	Carlos Coelho da Silva
Empregado Leitaria	Licínio França
Namorada Hotel Ricciardi	Liliana Queirós

FICHA TÉCNICA

Produtor	Manuel S. Fonseca
Realizador	Carlos Coelho da Silva
Argumentista	Pedro Marta Santos
	João Tordo
Produtora Executiva	Ana Torres
Director de Produção	Gerardo Fernandes
Contabilista	Fernanda Marreiros
Chefe de Produção	Paulo Guedes
Secretária de Produção	Magda Vicente
Adjunto Chefe de Produção	Luis Oliveira
Assistente de Produção	Nuno Simões
Assistente de Produção	Vanessa Granja
Estagiária de Produção	Andreia Costa
Estagiário de Produção	Hugo Encarnação
Estagiária de Produção	Leonor Branco
Reforço de Produção	Sandra Bogalho
1º Assistente de Realização	César Fernandes
2º Assistente de Realização	Guilherme Pinto
Estagiário de Realização	Hugo Cortez
Anotadora	Ana Silva
Director de Fotografia	Carlos Santana aip
1º Assistente de Camara	Maria João Schreck
2º Assistente de Camera	Suzete Pires
Estagiária Video Assist	Inês Pestana
Steady Cam	João Nuno Soares
Operador 2ª camara	Tony Costa
Operador 2ª camara	Nuno Ferreira
1º Ass. 2ª Camara	João Miguel Branco
1º Ass. 2ª Camara	Silvia Diogo
Chefe Electricista	Mário Soares
Electricista	Artur Andrade
Assistente de Electricista	João Almeida
Assistente de Electricista	João Silva
Grupista	Aires Dias
Chefe Maquinista	Ricardo Abrantes
Chefe Maquinista	Fernando Mendonça
Maquinista	David Valente
Assistente Maquinista	Tiago António

Estagiário Maquinista	André Silva
Reforço de Maquinaria	Valter de Carvalho
Director de Som	Quintino Bastos
Perche	Michelle Chan
Assistente de Som	Diana Meireles
Direcção de Arte	Augusto Mayer
1º Ass.Decoração	Tiago Mayer
Assistente de Decoração	Carla Tavares
Aderecista	José Carlos Vitorino
Aderecista	Carlos Subtil
Assistente de Plateau	Rui Alves
Montagem de Decoração	José Silva
Estagiária de Decoração	Inês Cruz
Pesquisa de Grafismo	Miguel Inácio
Chefe Construtor	Manuel Ventura
Carpinteiro	António Sampaio
Carpinteiro	Miguel Pinto
Carpinteiro	Carlos Sampaio
Reforço Carpinteiro	Joaquim Tavares
Pintor	José Ferreira
Pintor	Fernando Dias
Reforço Pintor	Luis Miguel Quintas
Figurinista	Silvia Meireles
Chefe de Guarda-roupa	Flor Hernandez
Ass. de Guarda Roupas	Filipa Franco
Estag. Guarda-roupa	Joana Indias
Chefe de Maquilhagem	Araceli Fuentes
Assistente de maquilhagem	Márcia Lourenço
Caracterizador	Arturo Balseiro
Reforço Maquilhagem	Susana Correia
Reforço Maquilhagem	Dulce Filipe
Reforço Maquilhagem	Ana Isabel
Reforço Maquilhagem	Iris Peleira
Chefe de Cabelos	Mário Leal
Assistente de Cabelos	Cristina Almeida
Reforço de Cabelos	Fátima Vieira
Reforço de Cabelos	Laura Hamilton
Reforço de Cabelos	António Cortez
Duplo	Sérgio Grilo
Coach de Voz	Isabel Guimarães
Aulas de Canto	Paula Oliveira

Making Of	Luis Monge
Fotografo de Cena	Pedro Garcia
Montagem	Ricardo Mesquita
Montagem	Pedro Santana
Estagiário Pós Produção	Fernando Azevedo Alle
Pós Produção Audio	Ganho do Som
	João do Ganho
Música	Nuno Maló

Banda Sonora de “Amália, O Filme” é propriedade da Valentim de Carvalho Edições

Agradecimentos Especiais

CP
Fundação Amália Rodrigues
REFER
Palace Hotel do Bussaco
Tavares Rico
Fibeira
Correio Mor
Nova Imagem
Ouronor
Confeitaria Nacional
Convento do Beato
Café Luso
Casa do Alentejo
Casa das Condecorações Helder Cunha, Lda.
Gesink Turismo Náutico / Leão Holandês
Horto do Campo Grande
Hospital de Santa Maria
Museu do Brinquedo
Museu da Escola
RTP
Revlon Profissional
Caves Aliança
Fontes Chocolate

Spal
Afonso Costa - Fotografia e Video, Lda
António Garcéz
António Melo de Morais
Teresa Alecrim
Presidente da Junta de Freguesia de Fernão Ferro, Sr. Carlos Alberto de Sousa Pereira
Prof. Francisco Caramelo UNL
Dr. Ibérico Nogueira

NOTA DO PRODUTOR

O projecto “Amália, o Filme” nasceu numa sala de cinema. O Francisco Vasconcelos, presidente do Grupo Valentim de Carvalho, acabara de me convidar para criarmos a VC Filmes e o meu primeiro impulso foi ir ao cinema ver um filme, um filme europeu que correspondesse à escala de produção a que poderíamos ambicionar.

Vi “La Môme”, o biopic de Edith Piaf, numa sessão da tarde e haveria umas 20 pessoas na sala. No fim, emocionados, esses espectadores anónimos aplaudiram de pé o filme que tinham visto. Era uma projecção normal, sem vedetas, nem imprensa, nem luzes da ribalta. E foi essa pura e genuína emoção que me fez reconhecer a evidência. Amália tinha, tal como a Piaf, tanto como a Piaf, direito àqueles aplausos. Nesse dia, no meio dos palmas a cobrir o genérico final, tive a certeza de que Amália seria a estreia da VC Filmes.

“Amália, o Filme” foi, depois, o resultado de uma vivência íntima e cúmplice com o Carlos Coelho da Silva, a Ana Torres e o Pedro Marta Santos. Foi este o núcleo essencial – fanático – de desenvolvimento do projecto. Devorámos tudo o que fosse Amália: os fados que ouvimos até às lágrimas; tudo o que se escreveu, das velhas “Plateias” às modernas biografias; os relatos de quem a acompanhou, do Hugo Ribeiro, que foi quem melhor lhe registou a voz, à Estrela Carvas, sua assistente pessoal e amiga.

Quando chegou o trio mágico, Gerardo Fernandes (director de produção), César Fernandes (1º assistente de realização) e Augusto Mayer (decorador), já sabíamos que tínhamos um filme intenso e cheio de emoções. Só não sabíamos é que tínhamos de cortar metade e mudar radicalmente a outra metade. Entre decóres, personagens e a brutal e impiedosa realidade dos orçamentos, o que nós não amargámos!

Depois, o Carlos Coelho da Silva descobriu a Sandra Barata Belo. Nasceu, nesse dia, outro filme. O que, se tiveram a paciência de ler estas notas até aqui, quer dizer que “Amália, o Filme” é uma trindade, santíssima bem entendido, combinando o sonho de um núcleo fundamentalista com o pragmatismo de uma equipa de veteranos, e a inocência de um rosto e de uma atitude.

Para mim, “Amália, o Filme” é igualmente uma declaração de princípios. O cinema que queremos produzir na VC Filmes é este. Um cinema narrativo e de forte comunicação com o público. Um cinema de actores de que a Carla Chambel, a Ana Padrão ou o Ricardo Carriço são muito bons exemplos. Um cinema que se pretende ligado às mais fortes tradições da história do cinema, ou seja aos grandes filmes americanos e europeus que converteram o cinema na arte popular do século XX, enchendo salas, motivando acesos debates e modificando comportamentos. Um cinema com impacto social. Um cinema capaz de contar, com encanto e emoção, as nossas histórias.

“Amália, o Filme” é também herdeiro do cinema português. Na VC Filmes estamos conscientes das tradições populares dos anos 40 e 50 e do que nos legou o cinema mais autoral das últimas décadas. A todos, do Pátio das Cantigas a Manoel de Oliveira, devemos um pouco. Mas estamos seguros de que somos, pelo espírito e pelas circunstâncias,

diferentes. Do modelo de financiamento ao modelo narrativo, da lógica de produção às opções estéticas, a VC Filmes tem uma personalidade própria e, arrisco, inovadora. “Amália, o Filme” faz prova dessa diferença. A primeira prova.

Manuel S. Fonseca / Produtor

RTP **O PARCEIRO ESSENCIAL DE “AMÁLIA, O FILME”**

A participação da RTP, na qualidade de co-produtor, foi essencial para o desenvolvimento e produção de “Amália, o Filme”. Tendo definido a sua participação no início de 2008, com a entrada em funções da nova Administração e do novo director de programas, José Fragoso, a RTP envolveu-se entusiasticamente no projecto, contribuindo e exigindo que “Amália, o Filme” tivesse a grandeza e a ambição de uma obra que ultrapassasse as fronteiras nacionais.

Desde a execução do guião até às opções de produção, a RTP fez questão de honra em preservar dois pontos:

- que “Amália, o Filme” fosse uma obra de referência para a figura e o mito de Amália;
- que “Amália, o Filme” pudesse prestigiar a cultura portuguesa e a cinematografia nacional fora de fronteiras.

Por todas estas razões, a participação da RTP em “Amália, o Filme” constitui um exemplo de relacionamento entre a televisão e o cinema em Portugal. Ao apoiar uma obra ambiciosa, cujas perspectivas de impacto no grande público são amplamente justificadas e de cujo potencial de divulgação internacional há sinais evidentes, a RTP cumpre plenamente a sua missão de serviço público e de dinamizadora da cultura e do cinema nacionais.

A RTP passa ainda a deter, na sua carteira de títulos, uma marca, “Amália, o Filme” que lhe permitirá, ao emití-lo nas suas diferentes plataformas, estabelecer fortes vínculos afectivos com o público português.

O Produtor

NOTA DO REALIZADOR

1984. A cidade que nunca dorme tem a hóspede perfeita. No quadragésimo andar uma mulher hesita. Memórias que surgem e desaparecem, apagadas pela ameaça tétrica da sua radiografia ao cérebro, e uma vontade de se atirar lá do alto. Foi este o primeiro desafio que se me colocou: como filmar Amália, como filmar Amália e a morte.

De súbito, uma voz familiar chama-a e Amália olha para o avô, em Lisboa, sessenta anos antes, quando cantou pela primeira vez em público. Foi este o segundo desafio que senti, como realizador: como filmar Amália, como filmar o gosto de viver de Amália.

O primeiro filme biográfico da maior cantora portuguesa é um filme onde Fado e música sinfónica se misturam com uma história apaixonante, jamais contada.

Na vida não revelada de Amália Rodrigues, da pobreza extrema aos grandes palcos do mundo, a objectiva viaja através de momentos públicos e privados que inspiraram o estilo e interpretações ímpares da artista. Grandes planos, realçados pela cor, redesenharão os lábios vermelhos na emblemática face pálida.

O olhar magnético irá de novo conquistar o público antes do primeiro acorde da guitarra. Ouvir-se-á a voz original em som Dolby 5.1 remasterizado.

Baseado num argumento sólido e com um número impressionante de personagens interpretados por alguns dos melhores actores Portugueses, o enredo desenrola-se numa narrativa rápida e desenvolta com conflitos retirados da sua vida real. Foi este o terceiro desafio para mim ao realizar “Amália”, como filmar o ar do tempo, dos anos 30 aos anos 80, e como dar vida e dimensão psicológica a tantos personagens no mesmo filme.

Condenada por um ano fatal, um tumor cerebral e a premissa “Logo que haja morte, a vida passa a ser absurda”, Amália atravessa décadas em busca da liberdade de canto, à procura de uma mão amiga ou de um simples empurrão nas trevas, o seu elemento favorito. É por isso que o cinema a vestiu de negro, a cor do Fado. Foi este o último desafio que me apaixonou ao filmar “Amália”: filmar o negro da morte e o arco-íris da vida.

Chegou a hora de imprimir de forma diferente aquele sorriso misterioso e de mostrar ao mundo, num ecrã, todos os sentimentos guardados durante décadas naquela alma.

Carlos Coelho da Silva / Realizador

NOTA DOS ARGUMENTISTAS

"Amália", a construção de um edifício emocional

O projecto de “Amália, o Filme” nasceu na mente de Manuel S. Fonseca, o director da Valentim de Carvalho Filmes. Estando esta empresa associada ao Grupo Valentim de Carvalho, detentor dos direitos musicais de uma vasta discografia amaliana, a pergunta para nós foi: como não o fazer?

Havia um grande peso de responsabilidade, um pouco como um argumentista grego se sentiria ao escrever um guião sobre Maria Callas. Alvin Sargent (guionista de seis dos melhores filmes norte-americanos dos últimos 40 anos – “Straight Time”, “Julia”, “Bobby Deerfield”, “Paper Moon”, “I Walk the Line” e “Stalking Moon” – e autor dum filmezinho oculto chamado “Homem-Aranha 2”) diz que “com o grande poder vem a grande responsabilidade”. O potencial poder comunicativo de um filme sobre Amália é imenso, mas a responsabilidade era ainda maior.

Depois de quatro meses a ler todas as notas de rodapé, ver todas as imagens e escutar todas as gravações actualmente disponíveis sobre – e com – Amália Rodrigues, surgiram de forma natural duas ou três linhas de força, ideias recorrentes impressas na vida e palavras da Amália: a sua personalidade exterior procurava sempre a alegria, mas encontrava quase sempre a solidão; a dimensão popular de Amália foi, em grande medida, um sistema de fuga a uma dimensão interior marcada pelo isolamento; e, finalmente, a Amália-mulher era solar, viva, de resposta sempre pronta, mas acabava por cair num “looking for love in all the wrong places”. Encontrada a chave do conceito, o resto tornou-se mais fácil.

Por exemplo, era necessário decidir as personagens da vida de Amália que deviam entrar no guião e as que deviam ficar de fora. Nalguns casos, a escolha foi feita através da regularidade e intensidade com que a própria Amália falava dessas figuras ao longo dos anos. Noutros casos, decidimos a partir duma intuição da força dramática que algumas delas poderiam desempenhar em pontos decisivos do conflito. Nas primeiras versões, havia figuras apaixonantes (Rui Valentim de Carvalho, Alberto Janes, Frederico Valério) que tivemos de reduzir ou, simplesmente, anular pela reduzida potencialidade dramática no quadro da história que queríamos contar. O peso da música na ficção que se construiu é, naturalmente, significativo. No entanto, não podíamos ceder à preguiça de uma abordagem meramente ilustrativa – a voz e o génio de Amália são tão claros que era um impulso tentador – como não deveríamos fazer depender a estrutura do argumento da evolução na carreira da cantora (suponho que isto servirá para qualquer “biopic” musical). O que nos interessou mais foi o reflexo da vida na música, não o oposto.

Quanto aos diálogos, as minhas preocupações foram - e procuro que sejam sempre - essencialmente três:

Primeiro, que eles cumpram a sua função informativa no desenvolvimento da acção. Em segundo lugar, que nunca se substituam a ela. Por fim - encontrar um registo naturalista mas envolvente que faça jus à inteligência espontânea e ao registo emocional das personagens. No caso de “Amália, o Filme”, um 'biopic' que atravessa vários períodos

históricos, tudo foi depois adaptado às pequenas nuances próprias a cada época do tempo de acção (de 1920 a 1974, com um preâmbulo-epílogo em 1984).

O processo de escrita foi interessante: nem o grande Billy Wilder se considerou auto-suficiente para escrever certos projectos a solo – os seus melhores filmes como realizador/guionista são os que partilhou na escrita com Charles Brackett, primeiro, e I.A.L. Diamond, depois (também é verdade que acabou por se chatear com ambos). Eu e o João Tordo, conscientes da nossa fraca natureza e importantes limitações, adoptamos outra estratégia: depois de eu escrever o tratamento, ele escreveu a primeira versão do guião. Eu escrevi a segunda versão sobre a dele, e ele fez o mesmo para escrever a terceira - e assim sucessivamente.

Para a versão final, trocámos ideias como adultos e discutimos como adolescentes. Foi divertido, e o ego de ambos sobreviveu. Quanto à relação com o realizador, foi a melhor possível. O Carlos Coelho da Silva tem um instinto forte para as soluções visuais, o que facilita a vida ao argumentista. No que divergimos, não houve nada que um bom tinto alentejano não tenha resolvido a contento.

Por último, parece-me relevante lembrar que, numa ficção histórica, o fundamental – e o mais complexo – é o exacto equilíbrio entre factos e ficção. Numa produção desta natureza, a realidade nunca é suficiente, mas se os factos nucleares não são respeitados, perde-se o mais importante: a verosimilhança. Resta portanto lançar mais perguntas do que oferecer respostas. Porque a única resposta possível é devolver Amália ao público com a máxima humanidade e esplendor.

Pedro Marta Santos / Argumentista

Tive a sorte e o orgulho de ser convidado para este projecto pela mão do produtor Manuel Fonseca. Quando me encontrei pela primeira vez com o Pedro Marta Santos, de quem fui co-argumentista, ditou a fortuna que o Pedro já tivesse, na sua cabeça e em (muito) papel, delineada uma história, um conceito e uma ideia do que viria a ser este filme.

Escrevi uma primeira versão do argumento baseada num “tratamento” original do Pedro e, em seguida, partimos à descoberta do que tínhamos feito de errado. E tinham sido muitas coisas, tantas como as que havíamos acertado, sempre com a colaboração atenta e inteligente do Manuel Fonseca, da produtora Ana Torres e do realizador Carlos Coelho da Silva. Nem a distância, em certas alturas do projecto, nos conseguiu separar, e o Pedro e eu trabalhamos arduamente em várias versões consecutivas – ele com as suas ideias, eu com as minhas, batalhando pelos respectivos inputs – até chegarmos a uma versão quase final, quase conciliadora do que acabaram por ser os nove meses mais compensadores da minha curta vida como argumentista.

O grande gozo foi ter aprendido tantas coisas com o Pedro, sobre a maneira certa de equilibrar uma história que se queria, à partida, senão polémica, pelo menos apaixonante, e

o resultado de um filme-série que são os 180 primeiros minutos de *biopics* no cinema português do século XXI. As dificuldades, como o Manuel Fonseca bem sabe, foram inúmeras, reflectidas no jogo permanente entre aquilo que é ficção e aquilo que de facto aconteceu, um teste à nossa resistência enquanto fabricantes de outros mundos; de uma realidade outra que, necessariamente, pretendia ser um espelho da vida fascinante da maior artista portuguesa do século XX. Julgo que lhe fizemos justiça. Julgo que Amália acaba por sair deste projecto a verdadeira estrela da companhia, um motivo de inspiração que, espero, acabe por perdurar na arte cinematográfica e acabe por inspirar outras histórias.

No final, julgo que a maior recompensa é o amor que agora sinto por Amália, e o amor recentemente descoberto pela fina arte do guião, na certeza de que tive, nos meus companheiros da Valentim de Carvalho Filmes, os melhores professores e faróis de referência sempre que, por uma razão ou outra, me julgava perdido num mar de papéis, fotografias e informação proveniente de tantas fontes diferentes. Como já disse, não foi sem dificuldades que levámos esta empreitada a bom porto; dificuldades de ordem estrutural, descobertas fascinantes à última da hora quando as páginas já se encontravam escritas (recordo-me de, uma tarde, descobrir que uma das personagens que pretendíamos usar morrera, na vida real, muito antes do tempo de ficção que lhe estava destinado...), encontros inesperados com figuras funestas que deram cor e vida às páginas do filme. O público, julgo, irá apreciar tanto como nós esta incursão inusitada pela História da música portuguesa. Quanto a mim, só tenho a agradecer eternamente a experiência.

João Tordo / Argumentista

DEPOIMENTO DE SANDRA BARATA BELO

Foi com muito prazer que me envolvi no projecto Amália. Sendo este também o primeiro projecto da VC Filmes, senti muita dedicação e confiança em torno do processo.

Desde o início, há 9 meses atrás, sempre fui bem acompanhada por toda a produção.

Chegar à personagem Amália não foi só um trabalho e uma dedicação minha, havia já, um plano de pré-produção e pesquisa muito bem estruturado, que facilitou e ajudou o meu processo artístico.

Foi fundamental ter tido dois meses de preparação. Ensaiar e estudar ajudou a combater o peso da responsabilidade que sentia.

Comecei com o realizador, Carlos Coelho da Silva, na leitura e análise do guião - a partir daí percebi o que se pretendia da minha personagem, e pude organizar-me nesse sentido.

Li biografias, poemas e entrevistas. Ouvi fados e a sua voz falada. Vi documentários, filmes, actuações, programas de TV e entrevistas em várias fases da vida de Amália. Falei com os seus confidentes. Tive aulas de canto e de dicção - para perceber o instrumento e moldar a voz.

Era necessário ver Amália, perceber Amália e absorver Amália, para reapresentar Amália. Nunca pretendi imitá-la, mas criar um pouco daquilo que pode ter sido a sua existência. Como actriz precisava de saber como se comportava e porque agia de certa maneira, e como mulher precisava de a entender... e aquela estranha forma de vida começou a fazer sentido, preenchendo o meu imaginário.

Vieram os ensaios com o realizador e com os outros actores, levantaram-se novas dúvidas e surgiram mais ideias e, de repente, já estávamos na primeira semana de rotação, com o resto da equipa, a pôr em prática todo o trabalho de pré-produção - a fazer o filme.

O tempo voava.

Foi bom ter trabalhado com uma equipa tão dedicada que me dava e transmitia segurança.

Não posso deixar de comentar o trabalho com os actores e o envolvimento que nós tivemos.

A realização dava espaço às nossas propostas e sabia dirigi-las.

Foi muito bom pertencer a esta produção que sempre prezou a qualidade do trabalho.

Tive o fado e o privilégio de ter sido Amália.

Sandra Barata Belo / Actriz

SOBRE A HISTÓRIA

Sinopse Curta

Mais do que a história da diva, este filme relata a história de uma mulher à frente do seu tempo, que desafiou mentalidades e costumes, projectando universalmente o seu nome e o país. Amália, a sobrevivência, os amores e o sucesso.

Sinopse Longa

Já conhece a mítica cantora. Pela primeira vez, conheça a mulher por trás do mito. “Amália” segue a diva numa noite de Outono nova-iorquina em 1984, uma noite que atravessa as memórias íntimas de uma vida inteira.

A precoce separação dos pais e a reconciliação precária, marcada pela indiferença da mãe e a morte da irmã Aninhas, até ao início da vida adulta, inaugurada pela paixão com o guitarrista amador Francisco Cruz e o sucesso local e nacional, até à ruptura de um casamento indesejado.

Uma fase de maturação artística e grande agitação, de vida dividida entre o amante Eduardo Ricciardi, o playboy do ténis que se incomoda com as suas raízes plebeias, e um banqueiro comprometido, Ricardo Espírito Santo, cúmplice espiritual, até ao abrupto desaparecimento deste lhe retirar a esperança de um futuro comum, levando a um casamento por simpatia e conforto com César Seabra.

Por fim, um período de valsa dorida com as traições familiares e as conotações políticas com o regime, de bailado com a doença, apenas superado na gloriosa ressurreição em pleno Coliseu dos Recreios, quando triunfa sob o fogo cruzado da Revolução de Abril. “Amália”, a biografia da mulher que atravessa o século XX para se transformar numa das maiores personalidades musicais de todos os tempos.

SOBRE A EQUIPA

Manuel S. Fonseca (Produtor)

Manuel S. Fonseca tem um percurso profissional centrado nos sectores editorial, televisivo e cinematográfico.

Com formação em Filosofia, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Manuel S. Fonseca é autor ou co-autor de onze livros de história do cinema publicados pela Cinemateca Portuguesa.

Manuel S. Fonseca foi crítico de cinema no Expresso, Jornal de Letras, Face e Semanário, e colaborou, também na área de cinema, em publicações como Marie-Claire, Cahiers du Cinéma, Skrien, Anderen Sinema.

Responsável pela programação cinematográfica da RTP 2, em 1990/91, integrou os quadros da SIC em Abril de 1992, como Director de Programação Estrangeira, gerindo a participação daquela estação de televisão nos grandes mercados internacionais. Desde Dezembro de 1992 e até Agosto de 2001, acumulou esta função com a de Director-Adjunto de Programas da SIC, com responsabilidade pelos pelouros das co-produções internacionais, co-produções cinematográficas nacionais, e pela aquisição dos formatos internacionais para adaptação e produção em Portugal.

Em Agosto de 2001, assumiu a Direcção de Programas da SIC, onde esteve até ao final de 2005.

Na área editorial fundou e dirigiu já duas editoras, a Três Sinais e a Guerra e Paz, continuando a assumir, nesta última, funções de administração.

Como produtor, o currículo de Manuel S. Fonseca inclui projectos cinematográficos e televisivos, com particular destaque para a criação da SIC Filmes, um projecto inovador que, entre 1999 e 2001, produziu 21 telefilmes.

Em Julho de 2007, participa na fundação da Valentim de Carvalho Filmes, produtora de que é administrador delegado, tendo, no primeiro ano de actividade da empresa, produzido *Amália, o Filme* e *A Vida Privada de Salazar*.

Carlos Coelho da Silva (Realizador)

Formado em Media Arts. Film and Video Production and Directing pela New Jersey City University (EUA), é actualmente Director de Conteúdos e Realizador da Valentim de Carvalho Filmes.

Carlos Coelho da Silva tem um vasto currículo de realização para cinema, desde curtas e longas-metragens a documentários, e para televisão, onde dirigiu séries, telenovelas, reality shows, concursos e musicais.

Entre os projectos dirigidos por Carlos Coelho da Silva, contam-se *O Crime do Padre Amaro* (realização e adaptação para cinema), o maior sucesso de bilheteira do cinema português, que foi adaptado para televisão, numa mini-série de 4 episódios.

Em televisão, realizou e supervisionou dezenas de projectos, dos quais se destacam a telenovela *O Jogo* (SIC / Endemol), a série de ficção infanto-juvenil *Uma Aventura*, vários reality shows como *Ídolos* (2003) ou *Popstars* (2001).

Leccionou sobre Televisão e Cinema, e foi assessor da direcção de programas da SIC nas áreas de ficção / entretenimento e supervisor de produções externas.

Actualmente, está a realizar uma nova longa-metragem, *Uma Aventura na Casa Assombrada*.

Amália, o Filme é a próxima obra cinematográfica de Carlos Coelho da Silva a chegar ao grande ecrã.

Pedro Marta Santos (Argumentista)

Nasceu em 1968, em Moçambique. Licenciado em Relações Internacionais, pela Universidade do Minho, participou em vários cursos de Escrita Criativa, Escrita de Guião e especialização em Cinema e Vídeo. Actualmente, é guionista e supervisor de argumento da Valentim de Carvalho Filmes e, nessa qualidade, assina, com João Tordo, o guião da longa-metragem *Amália, o Filme*, sendo responsável ainda pelo desenvolvimento de projectos como o docudrama *A Vida Privada de Salazar*. Entre os guiões que assinou numa década de experiência contam-se os filmes *Babilónia* (Stopleveline Filmes, 2006), *O Efeito da Rainha Vermelha* e a primeira versão de *Call-Girl*, ambos com realização de António-Pedro Vasconcelos, 2005, e a série *A Mão de Deus*, de Rui de Brito (Subfilmes, 2004).

Foi professor do Curso de Cinema, Televisão e Filme Publicitário da Universidade Moderna de Lisboa, leccionando as disciplinas de “Escrita de Guião” (níveis I e II) e “História do Cinema” (também módulos I e II). Em 2007, deu aulas de guião no Curso de Interpretação da ACT – Escola de Actores.

Foi crítico de cinema do Independente e redator principal do Caderno 3-Vida, Indy, Semana, Index, Indígena e nas secções de sociedade e cultura do caderno principal, especializando-se em artes e espectáculos.

Em 2007, lançou o livro *Guia Terapêutico de Cinema*, da editora Guerra e Paz.

João Tordo (Argumentista)

Nasceu em 1975. Formou-se em Filosofia na Universidade Nova de Lisboa e estudou Jornalismo e Escrita Criativa em Londres e Nova Iorque.

Trabalha como guionista, depois de ter passado pelo jornalismo, tendo publicado, entre outros, n' *O Independente*, *Sábado*, *Jornal de Letras*, *ELLE*, *Sábado* e a revista *Egoísta*. Escreveu, em parceria com Pedro Marta Santos, o guião para a longa-metragem *Amália, o Filme*.

Foi vencedor do prémio Jovens Criadores em 2001. Publicou três romances, *O Livro dos Homens Sem Luz* (2004), *Hotel Memória* (2007), e *As Três Vidas* (2008).

Escreve argumentos de televisão para as séries *Pai à Força* (RTP) e *Liberdade, 21* (RTP).

Sandra Barata Belo (Actriz)

Alfacinha de gema, nasceu em 1978 e vive em Lisboa desde sempre. Formou-se em Artes e Animação Circense no Chapatô e fez várias especializações em Técnica da Máscara e *Clown*, e participou em vários workshops de voz.

Pisou o palco pela primeira vez em 1996, quando integrou o elenco de *A Alegria na Caverna*, com encenação de Ana Nave. O teatro assumiu grande importância na sua vida durante a década seguinte, tendo sido presença assídua nos palcos portugueses, participando em projectos como *Peregrinação*, um espectáculo com encenação de João Brites, para a Expo 98; *Fabulosas Fábulas* (2001), uma peça com encenação de Francisco Brás, ou *Lua* (2003), de autoria e encenação de André Gago.

Em 2002, estreou-se em televisão, participando no *F-M Rádio Relâmpago*, telefilme realizado por José Nascimento para a RTP. Três anos depois, integrou o elenco de *A Família Galaró*, onde desempenhou o papel da personagem Pitita. Em 2007, foi *Bárbara* na telenovela *Chiquititas*, da SIC.

No grande ecrã, estreia-se agora numa longa-metragem como protagonista de *Amália, o Filme*.

Carla Chambel (Actriz)

Carla Chambel nasceu na Amadora em 1976. Iniciou a sua formação em 1994 no curso de teatro da Junta de Freguesia de Benfica orientado por António Feio. Seguiu para o curso de Formação de Actores da Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa, na qual concluiu o bacharelato em 1998. Tem frequentado *workshops* de teatro, movimento, cinema e voz.

Iniciou-se em Teatro em 1995, em *A Disputa*, de Marivaux, com encenação de João Perry e co-produção do Teatro D. Maria II (TNDMII) e o Inatel. Desde aí, tem trabalhado em diversos projectos pontuais e em várias companhias portuguesas. Neste momento, está em cena no espectáculo *Xerazade Não Está Só*, um texto de António Torrado, com encenação de Maria João Trindade.

Dirigiu desde 2000, e durante 8 anos, um projecto com idosos, denominado Grupo Sénior de Teatro Flores de Outono da Junta de Freguesia da Mina, na Amadora.

Em televisão tem participado em diversas séries, novelas, telefilmes, publicidade, nos diversos canais generalistas e cabo. O seu último projecto foi em *Resistirei* (2008), produção da TDN/SIC e realização de Rodrigo Riccò, Paulo Rosa e Nery Shmansky.

No cinema, tem participado em curtas e longas-metragens, como por exemplo em *98 Octanas* de João Lopes, realizado por Fernando Lopes e produzido pela Madragoa Filmes (2006). O seu mais recente trabalho é em *Amália, o Filme*, realizado por Carlos Coelho da Silva e produção de Valentim de Carvalho Filmes.